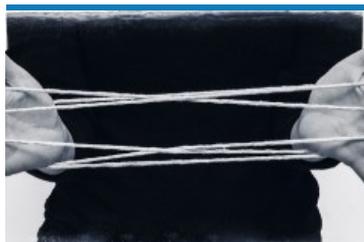


09/06/2017 às 05h00

## O sentido de nós mesmos

Por Tatiana Salem Levy

Muitas vezes, quando me perguntam sobre por que escrever, eu respondo: Para tentar dar sentido ao que não tem sentido. E o que não tem sentido é a vida propriamente dita. Desde o nascimento até a morte, nada tem um sentido em si. Os acontecimentos não vêm acoplados de significados. Eles apenas acontecem.



Mas, justamente por não conseguirmos suportar esse vazio, estamos, todos nós, constantemente criando sentidos. Os escritores, por sua vez, são seres que fizeram dessa tarefa sua obsessão.

Já me deparei com inúmeras discordâncias quando digo, em voz alta, que a vida não tem sentido, como se afirmar suposta heresia indicasse o não reconhecimento do que nos é dado, o menosprezo da própria vida. Não é nada disso. O que quero dizer é que o sentido não vem junto com as coisas, mas a posteriori. A princípio era o Verbo, diz a Bíblia. Eu diria: A princípio era o espanto. Depois, o Verbo.

O verbo é a condição humana. Só existimos dentro dele. Sem as palavras, não conseguiríamos dar sentido ao incompreensível e inaceitável. O homem é o único animal consciente de sua morte, e essa consciência nos traz medo e angústia. Criar um sentido para a vida, ou seja, criar uma narrativa para nós próprios, é a única forma que temos de suportar o insuportável - o fim da vida. Tarefa não só dos escritores, mas de todos os homens, de todas as civilizações. Ninguém escapa da ficção de si mesmo.

Mas deixemos essa explicação para Nancy Huston, escritora canadense, e seu livro "A espécie fabuladora: um breve estudo sobre a humanidade" (L&PM). Nancy costumava ministrar um clube de leitura na penitenciária feminina Fleury-Mérogis. Certo dia, uma presidiária levantou a cabeça, olhou bem nos seus olhos e disse: "Para que inventar histórias quando a realidade já é tão extraordinária?" Pergunta nada simples, que exigiria dela a escrita desse livro.

A resposta gira em torno da construção da narrativa em variados aspectos. "O universo como tal não tem Sentido. Ele é silêncio. (...) O Sentido depende do humano, e o humano depende do Sentido", diz ela. A narrativa se apresenta como desdobramento do sentido - e é por isso que elaboramos formas de marcar o tempo (rituais, datas, calendários, festas sazonais). Sem essa marcação, não haveria narrativas. "Contar: tecer ligações entre o passado e o presente, entre o presente e o futuro. Fazer existir o passado e o futuro no presente."

Tudo é traduzido por nós, metamorfoseado, metaforizado, interpretado, "pois a vida é dura, e ela não dura, e somos os únicos a saber disso". O que faz os humanos entrarem no tempo, no sentido, é uma coisa que o macaco não tem: um ego. "Eu é uma ficção." A primeira de todas. Nossos pais decidiram nos dar o nome que temos, mas poderiam ter escolhido outro. Aprendemos uma língua, mas poderíamos ter aprendido outra. Desde o nascimento, somos preenchidos com uma herança que nos precede: uma língua, uma crença ou uma descrença, determinados antepassados, determinada leitura de mundo. Essas são as primeiras ficções que nos são dadas. E, como afirma Nancy Huston, "mais do que nós as fabricamos, elas nos fabricam - arranjam

## Cultura & Estilo

Últimas Lidas Comentadas Compartilhadas

Caçada eleitoral  
05h00

O banqueiro da crise 🔑  
05h00

A hora e a vez de Portugal 🔑  
05h00

O sentido de nós mesmos 🔑  
05h00

[Ver todas as notícias](#)

## Videos



A hora e a vez dos vinhos portugueses  
07/06/2017



## À mesa com o Valor

Entrevistas



FÁBIO RAMALHO  
O banqueiro da crise 🔑

09/06/2017 às 05h00

para cada um de nós, ao longo dos nossos primeiros anos de vida, um ego".

Ser uma ficção não quer dizer que seja falso. Por exemplo: a nossa memória passa o tempo todo ordenando, associando, articulando, selecionando, esquecendo, lembrando, ou seja, fabulando. A História também faz isso. Recorta, seleciona, apaga, enaltece. Ambas se constituem como ficção, não por serem falsas, mas por se construírem enquanto narrativas. Nós próprios somos uma espécie de romance, elaboramos uma narrativa para contar nossas vidas. E é nessas ficções que está o nosso real, muito diferente do real dos animais. "Para nós, humanos, a ficção é tão real quanto o chão em que pisamos", comenta Nancy.

A filosofia do século XX, ao menos a pós-nietzschiana, não cansou de teclar na ideia de que não existe uma verdade única, e sim verdades. Essas verdades são construídas, fabuladas, por intermédio das ficções. A narrativa nada mais é do que uma forma de gerar verdades, abolindo assim a contradição entre realidade e ficção. Nós não existimos fora dessas construções narrativas, fora daquilo que fazemos com a linguagem. De uma linguagem que é anterior a nós e que nos constitui.

Não concebemos a existência fora da procura por um sentido. Ou melhor, da fabricação do sentido. Mais do que encontrar o sentido (que, nesse caso, seria preexistente, estaria à nossa espera), trata-se de criá-lo. Portanto, o que faz sentido não é a coisa em si, mas a narrativa da coisa. Tomemos como exemplo a psicanálise. Quando estamos no divã, o que importa não são os fatos, mas a narrativa que construímos em torno deles. Os sonhos tampouco trazem um sentido em si. O que faz sentido é a narrativa do sonho, que já se apresenta como interpretação, outra palavra fundamental em "A espécie fabuladora".

Nós interpretamos tudo. A fala "interpreta a realidade ao mesmo tempo em que a diz". Falar é já um ato interpretativo. "Não acredito no acaso": um excelente resumo da nossa história", diz Nancy. E daqui seguem-se narrativas para explicar os fatos. Mas, mesmo quem acredita no acaso não suporta o vazio e se põe a interpretar. A diferença é que, para quem acha que o acaso não existe, o sentido vem antes dos fatos. E, para quem acha que a vida não é um jogo de cartas marcadas, o sentido vem depois. Uma diferença fundamental, mas que não exige um nem outro da tarefa narrativa.

O excesso de narratividade nos torna uma espécie paranoica, pois sofremos do mal da superinterpretação. Eis a doença congênita da nossa espécie, diz Nancy. E dos escritores em particular, eu diria, que não fazem outra coisa da vida senão superinterpretar, criar caminhos, narrativas, ficções, para dar um sentido àquilo que não tem.

Personagem e pessoa têm a mesma origem latina. Vêm de persona, que significa "máscara". Daí, podemos pensar que um ser humano não difere muito de um personagem, na medida em que todos os eus são ficcionais. Passamos a vida toda representando a nossa vida. Portanto, quando um romancista diz que seus personagens são tão reais quanto pessoas de carne e osso, ele não está dizendo nada do outro mundo. Não existe uma fronteira rígida entre ficção e "vida verdadeira", uma se alimenta da outra o tempo todo. Um bom romance não nos diz onde está o bem e onde está o mal. A sua missão ética é outra, conclui Nancy: "mostrar-nos a verdade dos humanos, uma verdade sempre mista e impura, tecida de paradoxos, questionamentos e abismos." Apresentando-se como uma ficção, a literatura nos libera momentaneamente das inúmeras ficções a que somos submetidos o tempo todo.

"Para os bonobos, para os chimpanzés, a realidade basta. (...) Para os humanos, não. Precisam de algo além da realidade, de um algo a mais ou de um além, de um acima ou de um abaixo: o Sentido". Todas as explicações em que acreditamos dão um sentido para as nossas vidas. O fato de acreditarmos em coisas irreais nos ajuda a suportar a vida real. Mas nem só de boas ficções vivem os humanos. Estamos repletos de más ficções, que engendram o ódio, a guerra, os massacres. "Podemos torturar, matar, morrer por uma má ficção. Isso acontece todos os dias", afirma Nancy Huston.

A guerra constitui, efetivamente, um de nossos maiores fornecedores de sentido - tanto estético quanto ético. No plano estético, os grandes desfiles militares, as festas pirotécnicas, os enormes cogumelos nucleares são extremamente imponentes. No plano ético, há uma exaltação da



**JOJO MOYES**  
**Uma autora de 30 milhões de livros**

02/06/2017 às 05h00



**- SHERYL SANDBERG**  
**Uma vida compartilhada**

26/05/2017 às 05h00



**JOÃO MOREIRA SALLES**  
**A ciência do olhar**

19/05/2017 às 05h00



**MARTA SUPLICY**  
**"Hoje em dia é constrangedor ser político"**

12/05/2017 às 05h00

## Lançamentos

Livros, músicas e séries



**Livros**  
**O socialismo sob o ponto de vista liberal**



**Livros**  
**"Velhice - Uma Nova Paisagem"**

AA+



**Livros**  
**"Bartleby, o Escrivão"**

AA+



**TV**  
**O retorno de "Twin Peaks"**

AA+



**TV**  
**"American Gods" (1ª temporada)**

AA+

Legenda AAA Excepcional BBB Acima da média  
CCC Baixa qualidade AA+ Alta Qualidade  
BB+ Moderado C Alto Risco

camaradagem viril, a população se une em torno de uma bandeira, os amores são enaltecidos pela separação e pelo medo, o luto coletivo assegura uma emoção, reiterando e reforçando os valores morais.

Quem nunca ouviu a sentença: "Se Deus existe, ele é um mau ficcionista?" São tantas guerras, tantas injustiças, tanta fome, tantos desastres, que suas linhas só podem ser pra lá de tortas. Mas dizemos de alguém que é um bom romancista justamente quando consegue escrever como esse Deus de linhas tortas, mostrando a complexidade de nossas ficções, que tanto fazem o amor quanto fazem a guerra. Agora, e se esquecêssemos Deus e a literatura, se olhássemos para a narrativa que estamos construindo hoje, no Brasil e no mundo: será essa a ficção que queremos para nós próprios? Será esse o sentido que queremos dar para as nossas vidas?

**Tatiana Salem Levy, doutora em letras e escritora, escreve neste espaço quinzenalmente**

**E-mail: [tatianalevy@gmail.com](mailto:tatianalevy@gmail.com)**

---

 Compartilhar 27 Tweet Share  0 Ω

---